

Verdade, Mentira, Investigação Científica e o PeritoJosé Roberto Romeu Roque¹

Vivemos em tempos de crise sanitária, econômica e social há muito tempo, agora agravadas pela pandemia originada pelo coronavírus. Porém já se tinha aumento dos sentimentos de incerteza que são característicos do viver da humanidade, mais recentemente ampliados pelo avanço tecnológico digital e a decorrente difusão instantânea de informações.

Conforme nos ensina Carmo (2013), a informação é a matéria-prima que deve ser trabalhada e, portanto, deve ser gerida convenientemente, permitindo adequado processo de avaliação e tomada de decisão. Em termos práticos, isso significa que a informação deve ser selecionada, recolhida, organizada e interpretada adequadamente. É uma tarefa difícil, pois há um nevoeiro informacional (Morin, 1981 *apud* Carmo 2013) entendido como o efeito de excesso de informação inútil (sobreinformação), falta de informação útil (subinformação) e abundância de informação deformada (pseudoinformação) e qualquer pessoa tem de enfrentar essa realidade no atual cotidiano. Basta refletirmos rapidamente sobre as difusões de informações e, para o mercado de arte, sobre as transações reportadas de obras de arte de artista dita verdadeiras, grande parte falsa e de péssima qualidade e que deturpam totalmente a possibilidade da busca da verdade de preços estatisticamente relevantes de mercado.

Em sendo a informação fundamental para tomadas de decisão, é crucial ao investigador aprender a reduzir os efeitos do nevoeiro informacional que implica não se afogar em informação inútil (mantendo-se fiel ao objeto de estudo previamente delimitado), preencher os espaços em branco de subinformação (através do cruzamento de técnicas diversas com triangulação), e reduzir os perigos da pseudoinformação (através da análise contrastiva das fontes).

Em paralelo à informação como matéria-prima a qual o investigador pretende transformar em conhecimento, o tempo é um dos recursos mais

¹ O autor é perito em economia e artes e presidente do Instituto de Avaliação e Autenticação de Obras de Arte – i3a.

escassos, uma vez que não volta para trás. Isso somente se agrava na sociedade atual, pois nas sociedades pré-industriais a noção do tempo era cósmica, fortemente dependente do ciclo agrícola, na sociedade industrial era essencialmente mecânica (refém do relógio), porém na sociedade de informação passa a ser de tempo comprimido encurtando o ciclo de vida do conhecimento. Disto decorre que a investigação tem um prazo de validade muito encurtado, para além do qual os resultados deixam de ser úteis (Carmo, 2013)

A capacidade de identificar a existência de crise ou colapso remete a instintos humanos de medo, insegurança, esquecimento, etc. e suas conexões sociais, particularmente em um mundo conectado com grande disseminação de informações, narrativas e falsas informações. Como detalha Viriato (2012), a crise não se confunde com colapso. As crises podem ser vencidas e constituem desafios a serem ultrapassados. O colapso significa que a crise não foi resolvida, conduz indivíduos e sociedades para a paralisia, implica destruição na capacidade e registro de informações, e o silêncio da própria dor.

Devemos refletir sobre suplantar conceitos de instintos humanos, de falhas quanto a noções de verdade, mentira e ignorância, recrudescidas no mundo contemporâneo da ampla disseminação de todo tipo de informação e desinformação. O próprio jogo de interesses e ideologias adiciona aspectos a essa confusão, assim como os desafios de análises de longo prazo e intergeracionais. Assim, as “más notícias” podem não ser percebidas de maneira suficiente para impulsionar mudanças e cristalizar as mentiras como verdades.

Podemos refletir sobre verdade e mentira em Nietzsche. Barros (2012) afirma que a filosofia não hesitou em identificar discurso e realidade e toma enunciados verbais por verdadeiros e falsos em função de descreverem corretamente ou não o mundo. Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas forças na dissimulação, e, no ser humano, essa arte de dissimulação atinge seu cume. O homem mente, pois atinge inconscientemente, mediante o esquecimento, o sentimento de verdade. Enquanto o homem de ação une sua vida à razão, para não se perder de si

mesmo, o pesquisador se apoia na ciência, para que possa prestar-lhe assistência, e encontrar amparo. No entanto, o homem tem inclinação a deixar-se enganar e fica encantado de felicidade por contos épicos como se fossem verdadeiros.

Nessa relação difícil do ser humano com a verdade, Viriato (2012) afirma que há verdades de razão e de facto, essas menos evidentes. Há domínio político da relação e do testemunho, dos registros, da crença e da argumentação, pois não existem fatos, apenas interpretações. A verdade tem que ser defendida pois o discurso pode relativizá-la e a narrativa tornar-se a verdade corrente.

A questão da ignorância e da verdade também é tratada por Chauí (2000), pois em nossa sociedade é difícil despertar nas pessoas os desejos de buscar a verdade, pois há outras pessoas (“emissores de mensagens”) dizendo a elas o que podem e devem fazer ou sentir, as pessoas se sentem seguras e confiantes, reduzem a incerteza porque há ignorância.

O fator ambiente na Terra segue leis da natureza estudadas pelas ciências da natureza que possuem seus métodos e limitações de estudo. Não é simples buscar relações causa-efeito, pois todos os experimentos e modelos da ciência limitam o seu campo de abrangência para poderem realizar os estudos. Chauí exemplifica com três teorias físicas simultâneas:

a quântica, para os átomos; a newtoniana, para os corpos visíveis; a da relatividade, para o movimento na velocidade da luz -, regidas por conceitos e métodos diferentes, excluindo-se uma às outras e todas elas verdadeiras para os fenômenos que explicam. E mais: a física quântica desfaz a idéia de causa como quantidade e forma constantes; e a física da relatividade desfaz a idéia clássica da objetividade como separação entre sujeito e objeto do conhecimento, base da ciência moderna. Em lugar de um único paradigma científico, a física nos oferece três! (Chauí, 2000: 339)

Isso demonstra o quanto pode ser difícil atingir uma verdade única, e que pode ser desconstruída perdendo toda a credibilidade do argumento. Nesse cenário, uma verdadeira guerra de discursos e mídia ganha espaço, inflando a incerteza, a insegurança e os interesses sócio-político-econômicos. Como Viriato (2012) pondera, temos de ter humildade para assumir que temos um

déficit na nossa capacidade de resposta, objetivando não a paralisia, mas buscar solução aos problemas.

De fato, para além da própria discussão da “verdade” ou de restrições aos métodos científicos, Viriato (2012) afirma que o problema não está apenas na substituição da verdade pela mentira, pois isso não resiste ao tempo, mas à destruição da possibilidade de coordenar condutas individuais e coletivas. E no caso de objetos históricos fica sob suspeição a própria verdade histórica ao poder ser forjada uma narrativa por um processo fraudulento.

Por fim, frisemos que a verdade e a sua busca são fundamentais para a própria cidadania à medida que as mentiras e as falsas verdades acabam por comprometer o sistema da ética, de valores culturais e morais de um grupo e da própria sociedade. Como apontado por Viriato (2012), destrói a possibilidade de coordenar condutas individuais e coletivas. Nesta vertente, o papel do pesquisador perito bem-preparado é fundamental e reveste-se de ainda maior importância socioeconômica.

Bibliografia

Agra, W.M. (2010) Curso de Direito Constitucional, Rio de Janeiro, Editora Forense

Arendt, H. (1981) A Condição Humana, Rio de Janeiro, Forense Universitária

Barreto, V. (1993) O conceito moderno de cidadania, Revista de direito administrativo da Fundação Getúlio Vargas

Barros, F. M. (2008) Sobre a verdade e mentira, Hedra

Carmo, H. (2013) Sistemas de orientação na pesquisa: formulação de objetivos, hipóteses e modelo de análise, in Manual de metodologia das ciências sociais e políticas, Lisboa

Chauí, M. (2010) Convite à Filosofia, Ática

Viriato-Soromenho-Marques – Palestras “Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar” – maio 2012 e “Na encruzilhada de uma nova habitação da Terra: crise do covid-19 e crise ambiental” – abril 2020 – acesso Youtube.